



CURSO DE PSICOLOGIA

**ELOISE SANTANA SOARES
PAULIANA SANTOS LOPES
RAFAELA DOS SANTOS CUNHA**

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO COMETIDA POR PARCEIROS ÍNTIMOS:
CARACTERÍSTICAS DAS AGRESSÕES E DE SEUS AUTORES**

**Aracaju
2019**

**ELOISE SANTANA SOARES
PAULIANA SANTOS LOPES
RAFAELA DOS SANTOS CUNHA**

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO COMETIDA POR PARCEIROS ÍNTIMOS:
CARACTERÍSTICAS DAS AGRESSÕES E DE SEUS AUTORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a formação no curso de Psicologia, orientado pela Prof^a. Dra. Marlizete Maldonado Vargas.

**Aracaju
2019**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Marлизete Maldonado Vargas
Orientadora

Dra. Tatiana de Carvalho Socorro
Examinadora

Msc. Dayanne Souza Figueiredo
Examinadora

Aprovada em Aracaju, SE, em _____ de _____ de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por toda sabedoria e paciência a nós ofertadas, pois sem Ele nós nada seríamos.

Agradecemos também à nossa querida orientadora Dra. Marлизete Maldonado Vargas, por todo incentivo, conhecimento e tempo disponibilizado.

Por fim, um agradecimento mais que especial a nossa família, amigos e companheiros que estão presentes em todos os momentos e nos incentivam a sermos melhores sempre.

A violência, seja qual for a maneira como
ela se manifesta, é sempre uma derrota

Jean-Paul Sartre

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 06 |
| 2 OBJETIVOS | 07 |
| 2.1 Objetivo geral | 07 |
| 2.2 Objetivo específico..... | 07 |
| 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 08 |
| 3.1 Violência doméstica cometida por parceiros íntimos..... | 10 |
| 3.2 O homem autor da violência | 11 |
| 4 MÉTODO..... | 16 |
| 4.1 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados..... | 16 |
| 4.2 Análise dos dados..... | 17 |
| 4.3 Questões éticas | 17 |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 18 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 25 |
| REFERÊNCIAS..... | 27 |

1 INTRODUÇÃO

Segundo Minayo (2006), a Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil - BEMFAM (2002) define a violência de gênero como qualquer prática que tenha como resultado algum prejuízo, seja ele emocional ou físico, causado por aquele que detém o poder de forma abusiva sobre outra pessoa, pautando-se nas desigualdades de gênero.

Embora, a violência de gênero envolva tanto homens como mulheres, a predominância é muito maior sobre o sexo feminino, visto que a mulher traz consigo um estigma sociocultural antigo de que é inferior ao sexo masculino, sendo considerada como o “sexo frágil” (MINAYO, 2006).

De acordo com o Panorama da violência contra as mulheres no Brasil, somente em meados da década de 1970, a violência contra as mulheres passou a ter visibilidade, saindo do âmbito privativo para o público. Antes disso, a violência doméstica era considerada até mesmo “admissível”, era natural que um homem batesse em sua esposa em nome da “honra”. A denominação “Violência Doméstica” é dada, justamente, por maior parte das agressões ocorrer dentro de casa e vir de seu parceiro íntimo (FONSECA et al., 2006).

Devido a essa questão ter tomado uma vasta amplitude e ter se tornado um dos fenômenos sociais recorrentes e que mais ganharam visibilidade nas últimas décadas. Isso se deve a seu efeito devastador sobre dignidade humana e a saúde pública. É de vital importância que mais estudos sejam feitos, e pesquisas não somente voltadas para a mulher, mas também para os homens, compreendendo, dessa forma, o seu comportamento agressivo e o que os levam a cometer esses atos de violência (JESUS, 2010).

Diante disso, este trabalho tem por objetivo apresentar um novo olhar sobre a violência de gênero, dando ênfase ao homem, analisando algumas das suas características como idade, escolaridade, estado civil, os motivos que o levaram a agressão, os tipos da violência cometida entre outros. O estudo tem como base um banco de dados levantado em uma pesquisa já feita anteriormente. Dessa forma, foi feito alguns cruzamentos a partir das informações já existentes no banco para saber como algumas características das mulheres violentadas e dos agressores podem ter relação com a violência de gênero.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar as características dos autores e vítimas de violência de gênero cometida por parceiros íntimos em municípios da Grande Aracaju no período de 2013 – 2016.

2.2 Objetivos Específicos

- Analisar os tipos de violência praticadas por parceiros íntimos;
- Identificar os motivos das agressões;
- Relacionar as semelhanças e divergências entre as características dos autores e de suas vítimas;
- Discutir sobre a recorrência da violência, dias da semana em que mais aconteceram, no período estudado, em municípios da grande Aracaju.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A violência interpessoal tem aspectos culturais estabelecidos na parte intrínseca da vida social, sendo assim é resultante das relações, da comunicação e dos conflitos de poder. Nunca existiu uma sociedade sem violência, mas sempre existiram sociedades mais violentas que outras cada uma com sua história (MINAYO, 2006).

A violência contra a mulher é um fenômeno silenciado por décadas, e passou a ser evidenciado no Brasil há, aproximadamente, 20 anos. Porém, em muitas sociedades ainda é considerado de maneira natural, como parte do cotidiano feminino, ou como um problema familiar (TELES; MELO, 2003). Sua manifestação se dá por meio de conflitos familiares, interpessoais e sociais, e a opressão, dominação e crueldade são algumas formas de revelação que podem acarretar danos físicos, sexuais, psicológicos, morais e patrimoniais (LABRONICI et al., 2013).

Esse fenômeno é um problema social e de saúde pública que atinge todos os setores da sociedade (SACRAMENTO; REZENDE, 2006). As formas de violência são tão numerosas, que é difícil citá-las de modo satisfatório. A violência surge na sociedade sempre de modo novo e ninguém consegue evitá-la por completo (PAVIANI, 2016).

A violência doméstica é definida por uma agressividade e coação que correspondem aos ataques físicos, sexuais e psicológicos de um indivíduo dentro da família, nos quais, em sua maioria, encaixam-se lesões corporais graves direcionados a vítima (GIORDANI, 2006).

A violência doméstica pode ser dividida em: violência física que acontece quando alguém causa ou tenta causar dano, por meio de força física, de algum tipo de arma ou instrumento que pode ter como consequência lesões internas; violência sexual é toda a ação na qual um sujeito, em situação de poder, impõe a outra à realização de práticas sexuais contra a vontade, por meio da força física, da influência psicológica ou do uso de armas ou drogas; violência psicológica é toda ação ou omissão que causa ou pretende causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa (BRASIL, 2001).

No quadro a seguir estão definidos os tipos de violência mais comuns entre parceiros íntimos.

Quadro 1 - Tipos de Violência

| TIPOS DE VIOLÊNCIA | CONCEITOS |
|--------------------------------|--|
| Violência física | Ação ou omissão que coloque em risco ou cause danos à integridade física de uma pessoa. Violência física é o uso da força com o objetivo de ferir, deixando ou não marcas evidentes. São comuns murros e tapas, agressões com diversos objetos e queimaduras por objetos ou líquidos quentes. |
| Violência verbal | Ameaçar e oprimir verbalmente de forma intencional e repetidamente, sendo as principais formas de violentar as gozações, os apelidos e xingamentos, o que causam muita dor e sofrimento para o agredido. |
| Violência doméstica | Ocorre em casa, no ambiente doméstico, ou em uma relação de familiaridade, afetividade ou coabitação. |
| Violência moral | Ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação de uma pessoa. |
| Violência psicológica | Ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoa. |
| Violência interpessoal | Acontece no ambiente doméstico entre os parceiros íntimos, através de atos físicos, morais e psicológicos de violência. |
| Violência intrafamiliar | É toda ação ou omissão que prejudica o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família. |
| Violência sexual | Toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga uma outra à realização de práticas sexuais, contra a vontade, por meio de força física, influência psicológica, uso de armas ou drogas (Código Penal Brasileiro). Ex.: jogos sexuais, práticas eróticas impostas a outros/as, estupro, atentado violento ao pudor, sexo forçado no casamento, assédio sexual, pornografia infantil, voyeurismo, entre outras. |

Fonte: VERONESE, 2012.

Veronese (2012) complementa informações do Quadro 1 relatando que a violência moral tem como objetivo caluniar, difamar ou injuriar a dignidade ou a reputação de um sujeito. Outros autores como Valente (2010) relata que a violência sexual causa profundas marcas psicológicas, visto que por meio dela o agressor abusa do poder que possui sobre a vítima para alcançar gratificação sexual, sem a sua permissão.

Como observado no Quadro 1, a violência psicológica é tão ou mais danosa que a física. É identificada pelo ato da rejeição, da depreciação, da discriminação, da humilhação, do desrespeito e das punições exageradas (BRASIL, 2011). A violência física é a ofensa à vida, à saúde e a integridade física. É uma das maneiras mais frequentes de violência intrafamiliar, pois se origina de várias formas, através de punições e disciplinamento (PORTO, 2012). E a violência intrafamiliar, para Silva (2011, p.33), é gerada de forma “histórica, psicológica e socialmente, por isso é impossível apontar uma única causa”.

3.1 Violência doméstica cometida por parceiros íntimos

Um estudo sobre violência doméstica feito por Bhona, Brum e Lourenço (2011) mostra que em publicações analisadas no período de 2006 a 2009 a mulher se destaca como a principal vítima. Estima-se que uma a cada cinco mulheres sofre alguma forma de violência durante a vida, podendo levar à lesão grave ou morte. Além disso, em cerca de um quarto dos casos, o abuso sexual também ocorre (UN MILLENNIUM PROJECT, 2005).

Em uma pesquisa mais recente feita pelo Instituto de Pesquisas Datafolha e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019) constatou-se que só no ano de 2019 quase 60% da população, entre homens e mulheres, afirmou ter visto situações de violência e assédio contra mulheres em seu bairro, nos últimos 12 meses.

Conforme Sá (2011) a violência está sendo vista como um sério motivo de risco à saúde mental da mulher, considerando que deixa suas vítimas altamente propensas a desenvolver problemas psicológicos e comportamentos de risco, ocasionando sérios agravos à sua qualidade de vida.

Para Silva, Neto e Filho (2009), os modelos de sofrimento e violência doméstica na família, se não interrompidos, podem continuar sendo perpetuados ao longo das

gerações. Segundo as autoras, mulheres que sofreram ou presenciaram violência durante a infância são mais propensas a desenvolver problemas psíquicos, o que muitas vezes contribui para a formação de um indivíduo mais vulnerável a vivenciar agressões por parte de seus parceiros.

É importante destacar, que independentemente de quem são os autores e vítimas é inegável as consequências que a violência traz para a saúde de todos os envolvidos. Estima-se que para tratamentos resultantes da violência de gênero, o Sistema Único de Saúde - SUS gaste mais de cinco milhões de reais por ano no Brasil, para atender às mulheres vítimas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012).

3.2 O homem autor da violência

A violência é um fenômeno diferente do da agressão, pois deve ser apontada como característica distintiva: a característica de aspereza do ato violento, sua natureza coercitiva e sua remissão ao conceito de poder. Sua intenção, mais do que o dano, é dominar, submeter-se, curvar-se, paralisar pelo exercício da força, seja física, psicológica, econômica ou própria (ALARCÓN, 2010).

A violência contra a mulher, embora muito pesquisada, ainda é pouco discutida no ambiente familiar, nas escolas, universidades. Esse silêncio contribui para a perpetuação do comportamento violento nas relações íntimas e para a manutenção da falsa ideia de privacidade (VENTURI, 2004). Assim, se mantém a lógica patriarcal e machista, que coloca a mulher como submissa e dominada, e o homem como o dominador e opressor, esse processo ensinava tanto para os homens quanto para as mulheres que a mulher é propriedade do homem e precisa se submeter aos seus desejos e processos disciplinadores, contribuindo assim para naturalização do fenômeno (MESQUITA, 2016).

As formas de pensar, sentir e agir de homens e mulheres carregam um peso indiscutível da cultura em diferentes momentos do desenvolvimento. A manutenção do poder no homem a partir do simbólico, do que a sociedade e a cultura estabeleceram, incorporando em seu processo de socialização um conjunto de valores, crenças e atitudes que em sua configuração mais estereotipada delimitam a denominação mística masculina: restrição emocional, homofobia, modelos de controle, poder e competência (ALARCÓN, 2010).

Diante deste cenário torna-se cada vez mais importante estudos voltados ao masculino, a sua subjetividade, ao seu limiar de frustração, seu papel na esfera familiar e na sociedade como um todo, para que dessa maneira se possa entender melhor o fenômeno da violência conjugal. Na esfera familiar observa-se ainda uma pouca participação dos homens na rotina da casa e nos cuidados com os filhos. A expressão comumente usada “ajudar a mulher”, reafirma a ideia de que a mulher é responsável por todas essas atividades e eles apenas auxiliam como uma forma de gentileza (WANG, 2004).

É muito comum entre os homens que cometem violência conjugal ora justificando o ato culpando a vítima, creditando a ela toda a responsabilidade pelo sucesso ou o fracasso do relacionamento, ora minimizando seus atos e não reconhecendo-se como agressor (SOUZA et al., 2018). Dessa forma, qualquer comportamento feito pela companheira, que desagrade o seu parceiro íntimo, será motivo para agressões. Este fato pode se tornar ainda mais grave quando o casal tem filhos e a criança passa a ser uma desculpa para a violência, utilizando-se da justificativa de que a companheira não cuida bem dos filhos (ROSA, 2008; SCHRAIBER, 2002).

Nas situações de violência familiar, a atenção às vítimas tem sido priorizada, embora pouco tenha sido considerado sobre o tratamento do agressor, que também é enquadrado em uma patologia que, na maioria dos casos, é diagnosticada como Transtorno de Personalidade Antissocial. As intervenções feitas com agressores que praticam a violência familiar fortalecem os aspectos de sua personalidade, restabelecendo seu equilíbrio emocional e impedindo que sua expressão resulte em comportamentos agressivos (ALARCÓN, 2010).

Mais do que buscar a punição dos agressores, deve-se considerar o viés ressocializador/restaurador da pena. E tal caminho só poderá ser traçado com a implementação de políticas focadas aos autores dos delitos, visando sua inclusão social e evitando a reincidência (CARVALHO, 2018).

Como no Brasil ainda não existe um modelo de programa criado como parâmetro de políticas públicas, a estruturação e o fortalecimento da rede de proteção na perspectiva do agressor configuram um grande obstáculo a ser enfrentado. Além disso, outra dificuldade é a própria organização e aplicação dos programas de prevenção da violência (CARVALHO, 2018).

De acordo com Mesquita (2016) devem ser implementadas políticas públicas direcionadas, e com o propósito de intervir diretamente na desigualdade de gênero, tão presente na sociedade. Para Reginato (2014), a violência de gênero é relacional, fica evidente que a superação da situação problema precisa incluir o homem e não o excluir. De acordo com Carvalho (2018), uma das formas eficazes de se trabalhar a desigualdade de gênero de maneira preventiva seria, por exemplo, nas escolas.

As intervenções têm como objetivo principal aumentar nos sujeitos agressores, seu potencial humano através do processo de integração, tentando alcançar um equilíbrio emocional aceitável, a fim de posteriormente buscar procedimentos alternativos para a resolução de conflitos no relacionamento do casal (ALARCÓN, 2010).

O trabalho com homens autores de violência contra a mulher, na área do Direito, é uma inovação proposta na Lei Maria da Penha como um dos mecanismos de enfrentamento à violência doméstica. Com caráter reflexivo/educativo, essa ação que é destinada aos homens a partir de um processo judicial, já é implementada em muitas instâncias espalhadas pelo Brasil, como instrumento para promoção da proteção à mulher (CARVALHO, 2018).

A lei Maria da Penha possui três eixos de enfrentamento à violência contra a mulher: proteção e assistência a vítima; prevenção e educação e combate e responsabilização. É impossível buscar proteção à vítima, sem investir de forma conjunta em prevenção e em educação, tendo em vista a cultura patriarcal e machista, e no combate e responsabilização. Esta última não se restringe, apenas, a punição (prisão), mas ao aprofundamento da problemática de quem pratica a violência e de que forma efetivamente esta violência pode ser evitada no mesmo ambiente familiar, como também nos futuros relacionamentos deste autor (CARVALHO, 2018).

Segundo Saffioti (2004), as pessoas envolvidas na relação violenta devem ter a motivação de querer mudar e por esse motivo que não se acredita numa mudança radical de uma relação violenta quando se trabalha exclusivamente com a vítima.

Acosta e Soares (2012), apontam que os grupos reflexivos para autores de violência têm diversos propósitos. O que se busca é ajudar seus membros a resgatar as habilidades de diálogo, o qual, em algum momento foi substituído pela agressão. Porém, o que realmente diferencia os grupos reflexivos das demais iniciativas de caráter punitivo é que se busca, aqui, atuar exatamente na base da violência.

É realidade que muitos homens que passam por estes programas aprendem a controlar seus comportamentos violentos, mas não deixam de se identificar e agir segundo conceitos tradicionais de masculinidade, que implicam formas mais sutis de opressão (CARVALHO, 2018).

Os grupos reflexivos para os autores da violência contra a mulher, para Alarcón (2010), é um ambiente com a perspectiva para retrabalhar problemas pessoais inacabados e reorganizar a vida, fortalecendo a responsabilidade e a iniciativa pessoal. A mudança de comportamento ocorre por meio do processo de conscientização e da reestruturação de crenças e atitudes que favorecem a violência.

De acordo com Lattanzio e Barbosa (2013) foi possível perceber que o trabalho com homens tem também influência fundamental na melhoria da qualidade de vida dos próprios homens. É comum que, ao final de sua participação como integrante de um grupo, um homem relatasse como aquela vivência foi importante para suas relações familiares e sociais: as possibilidades de resolver os conflitos de forma dialógica, de ser mais empático e buscar visualizar a partir de sua perspectiva, de conseguir identificar e expressar sentimentos em vez de reagir impulsivamente a eles, de ter mais liberdade para exercer a masculinidade de formas não estereotipadas, de se permitir numa relação de maior afeto e proximidade com os filhos e filhas, enfim uma série de ganhos que faz com que a experiência de passar pelo grupo gere qualidade de vida para esses sujeitos, leveza e permeabilidade nas maneiras de se relacionar com o outro (CARVALHO, 2018).

Alguns relatos da pesquisa de Aguiar (2009) indicam que ser encaminhado para o grupo reflexivo foi visto como uma oportunidade que os homens tiveram de serem escutados, algo que dificilmente acontece durante o processo judicial. Alguns deles consideram que não foram ouvidos em relação às agressões que sofreram.

Diante da pesquisa de Aguiar (2009, p.124) a seguir, algumas das falas de alguns homens sobre o assunto,

[...] a nova legislação é injusta e severa porque traz a penalização do homem, mas não prevê os casos em que elas são as agressoras: “[...] a lei assim, ela já pega mais pesado pro lado dos homens que da mulher”; “eu levantei a camisa e mostrei pro promotor: e isso aqui, doutor? Isso aqui foi uma facada que ela me deu nesse dia. Aí ele disse: não estamos aqui pra tratar disso agora”. “A lei tinha que vê isso. Porque nós paga, elas não. Por quê?” [...].

Portanto, vale ressaltar, que para Carvalho (2018) a maioria das pessoas percebem que a vítima precisa de ajuda, porém poucos vêem esta necessidade no agressor. As duas partes necessitam de auxílio para promover uma verdadeira transformação da relação violenta.

4 MÉTODO

Trata-se de pesquisa documental que se utilizou do banco de dados de uma pesquisa mais ampla sobre violência doméstica contra mulheres em municípios Sergipanos. Segundo Gil (2012), trata-se de levantamento de fontes materiais, como decretos, leis, portarias, relatórios e documentos, que precisam receber um tratamento analítico. Neste estudo do banco de dados com mais de 1018 sujeitos e em torno de 20 variáveis de autores e mulheres que sofreram violência conjugal em municípios Sergipanos foi feito um recorte de três municípios e de variáveis que ainda não haviam sido relacionados na pesquisa mais ampla.

4.1 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados

O procedimento de coleta de dados foi realizado pelos Inquéritos Policiais das Delegacias da Mulher de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro (DAGV) e na Delegacia da Barra dos Coqueiros. Foi utilizado um formulário com as seguintes variáveis da vítima e do agressor: idade, estado civil, profissão/ocupação, nível de escolaridade, prole, bairro de residência à época do fato, registros anteriores de violência, tipos de violência sofrida, informações sobre o exame de corpo de delito, encaminhamentos e características do vínculo com o autor da agressão.

Realizou-se, anteriormente um processo de amostragem, conforme a Tabela 1 mostra. Os Inquéritos foram disponibilizados pelos serviços respectivos, por ano, cada um recebeu uma numeração corrida para o ano todo. Posteriormente foi aplicada à randomização, desenvolvida pelo pesquisador Dr. Marcos Antônio Almeida Santos, tendo o cuidado de incluir todos os dias da semana na amostra. Foi feito também um sorteio, os dados constantes nos registros foram colhidos, de acordo com as variáveis das vítimas citadas anteriormente.

Caso tivesse sido sorteado um registro que não tinha a maioria das variáveis do estudo, o registro de OVD foi considerado inválido e sendo usado o registro de numeração imediatamente posterior.

Tabela 1 - Distribuição anual dos inquéritos analisados de mulheres vítimas de violência nos municípios de Nossa Senhora do Socorro, Barra dos Coqueiros e Aracaju, amostra estudada no período de 2013 a 2016

| ANO | MUNICÍPIO | | |
|--------------|----------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|
| | N. Senhora do Socorro N n (%) | Barra dos coqueiros N n (%) | Aracaju N n (%) |
| 2013 | 514 84 (52,2) | 38 23(14,3) | 1012 106 |
| 2014 | 517 84(46,4) | 49 44(24,4) | 1316 116 |
| 2015 | 574 86(52,4) | 46 25(15,3) | 1176 103 |
| 2016 | 538 86(41,3) | 118 57(27,4) | 1039 99 |
| TOTAL | 340 (33,7%) | 251 148* (14,8%) | 4543 424 (51,6%) |

* Segundo dados registrados nos livros de Registro de Inquéritos Policiais das respectivas Delegacias.

** Amostra Calculada

Fonte: VARGAS, 2019.

4.2 Análise dos dados

Os dados referentes à caracterização dos participantes e do tipo de violência cometida foram selecionados do banco geral, de onde foram selecionadas as cidades de Aracaju, N. Senhora do Socorro e Barra dos Coqueiros submetidas a análises da estatística descritiva (média, percentuais) e análises bivariadas para analisar a possibilidade de estabelecer relação entre características dos sujeitos e tipo de violência cometida contra a parceira.

4.3 Questões éticas

A pesquisa que originou os dados analisados foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Tiradentes, Aracaju/Se, com parecer nº 1.341.150, e atendeu aos requisitos da resolução 466/12, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde. Todos os dados estão arquivados no Laboratório de Planejamento e Promoção da Saúde, sob responsabilidade da coordenadora do projeto, Dra. Marлизete Maldonado Vargas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 2 apresenta as cidades onde a pesquisa foi realizada, sendo possível constatar que o número maior da amostra foi em Aracaju (51,6%), na mesma demonstra também algumas das características das mulheres vítimas das agressões: como a idade, a qual destaca-se a idade de 30 a 40 anos (adultos), com (53,8%); a escolaridade que teve maior ênfase foi Ensino Médio Completo com 282 (27,9%) e em relação ao estado civil sobressai que (50,1%) são mulheres solteiras/sem companheiros, ou seja, que não tem uma união estável com esses sujeitos.

Diante dos dados sobre a escolaridade da mulher, é notório que essa violência não discrimina grau de instrução ou classe social. Podendo ocorrer com frequência, considerando que se projeta no ambiente das relações familiares, envolvendo atos repetidos que se intensificam, o que pode resultar em danos físicos e psicológicos a longo prazo (CUNHA, 2008).

Na pesquisa feita em Sergipe por Lima, Ferreira e Vargas (2018) apontam o alto índice de estresse e tensão decorrentes da violência. Na pesquisa foram identificados resultados como: 70,3% das mulheres participantes do estudo encontravam-se na fase de exaustão, a mais severa fase do estresse, sendo as mulheres mais velhas, com faixa etária de 36 anos ou mais, as mais afetadas. A maior parte das participantes declararam-se solteiras, sendo assim destacou-se como o grupo que mais sofre com o maior nível de estresse. Por fim, foi identificado também que quanto maior o nível de escolaridade, menor o grau de estresse.

Tabela 2 - Características de vítimas envolvidas em agressões familiares (N = 1.010) registradas em inquéritos policiais na Delegacia de Defesa da Mulher de Aracaju, Sergipe, Brasil, entre 2013 a 2016

| IDADE DA MULHER - MÉDIA: 33,22 (\pm 9,39) | | |
|---|------------|-------------|
| FAIXA ETÁRIA | Nº | % |
| 15 a 17 anos (adolescentes) | 21 | 2,1 |
| 18 a 29 anos (jovens) | 363 | 35,9 |
| 30-49 anos (adultas) | 543 | 53,8 |
| 50-59 anos (menopausa) | 57 | 5,6 |
| Acima dos 60 anos | 6 | 0,6 |
| Sem informação | 20 | 2 |
| ESCOLARIDADE DA MULHER | | |
| Analfabeta | 5 | 0,5 |
| Fundamental incompleto | 149 | 14,8 |
| Fundamental completo | 165 | 16,3 |
| Médio incompleto | 50 | 5 |
| Médio completo | 282 | 27,9 |
| Superior incompleto | 15 | 1,5 |
| Superior completo | 71 | 7 |
| Sem informação | 273 | 27 |
| ESTADO CIVIL | | |
| Com companheiro | 438 | 43,4 |
| Sem companheiro | 516 | 51,1 |
| Não informado | 56 | 5,5 |

Os dados da Tabela 3 apresentam as características de agressores envolvidos em agressões familiares, onde podemos destacar que homens com idade entre 30-49 anos tem um percentil elevado (57,1%) em relação às outras idades. É possível observar que de acordo com as informações dadas os agressores possuem, no mínimo, o ensino fundamental completo (25,2%). Em relação ao estado civil as agressões foram cometidas em maior porcentagem por homens solteiros/sem companheiras (50,1%), frequentemente separados/divorciados. De acordo com os dados, as relações mais estáveis ou com companheiras também envolvem um número elevado de violência, com a de (42,2%).

A maioria de homens adultos (especialmente acima de 25 anos) se identifica como chefe de domicílio. De todos os homens nessa faixa etária, sempre mais da metade são "chefes de família". Abaixo de 25 anos, até os 20 anos de idade, predomina a categoria de "filho", mas ainda quase uma terça parte dos homens se identifica como chefe (MEDRADO et al., 2010).

Segundo pesquisas realizadas pelo instituto de pesquisa Data Senado em 2015 o autor da violência doméstica, geralmente, é o próprio marido ou companheiro, podendo ser também ex-namorado, ex-marido ou ex-companheiros. As informações de escolaridade não diferem muito do conjunto da população feminina, não se podendo afirmar que o grupo menos escolarizado representa o maior contingente de agressores (GOMES et al., 2016).

Vale ressaltar que tanto na Tabela 2, quanto na Tabela 3 a idade de maior percentil em ambas as partes (agressor e vítima) foi de 30 a 40 anos, outro dado comum foi com relação ao estado civil, as mulheres/vítimas e os homens/agressores em sua maioria, são solteiros, não estão em uma relação estável. Com relação à escolaridade, são as mulheres que o possuem em um grau mais elevado (Ensino Médio Completo) e quanto a dos agressores foi (Ensino Fundamental Completo), porém esses dados não são tão precisos, pois é necessário levar em consideração a alta taxa em relação à falta de informação (38,3%).

Tabela 3. Características de agressores envolvidos em agressões familiares, registradas em inquéritos policiais na Delegacia de Defesa da Mulher de Aracaju, Sergipe, Brasil, entre 2013 e 2016.

| IDADE - MÉDIA: 33,22 (± 9,39) | | |
|--------------------------------------|------------|-------------|
| CARACTERÍSTICAS | Nº | % |
| 18 a 29 anos | 261 | 25,8 |
| 30-49 anos | 577 | 57,1 |
| 50-59 anos | 92 | 9,1 |
| Acima dos 60 anos | 30 | 3 |
| Sem informação | 50 | 5 |
| ESCOLARIDADE | | |
| CARACTERÍSTICAS | Nº | % |
| Analfabeto | 18 | 1,8 |
| Fundamental completo | 255 | 25,2 |
| Fundamental incompleto | 190 | 18,8 |
| Médio completo | 114 | 11,3 |
| Médio incompleto | 14 | 1,4 |
| Superior completo | 29 | 2,9 |
| Superior incompleto | 3 | 0,3 |
| Sem informação | 2387 | 38,3 |
| ESTADO CIVIL | | |
| CARACTERÍSTICAS | Nº | % |
| Com companheira | 426 | 42,2 |
| Sem companheira | 506 | 50,1 |
| Não informado | 78 | 7,7 |

A Tabela 4 apresenta os tipos de violência e os motivos das agressões, onde é possível destacar a violência psicológica (73,9%) com a maior incidência, seguida da violência física (63,0%) e moral (60,6%), em relação aos motivos das agressões os principais motivos foram: pedidos de separação (15,9%), ciúmes (15 %) e abuso de álcool e outras drogas (12,6%).

Tabela 4. Prevalência dos tipos de violência registradas em inquéritos policiais na Delegacia de Defesa da Mulher de Aracaju, Sergipe, Brasil, entre 2013 a 2016.

| TIPO DE VIOLÊNCIA | NÃO | | SIM | |
|---------------------------------|------------|-------------|------------|-------------|
| | Nº | % | Nº | % |
| Violência Física | 374 | 37,0 | 636 | 63,0 |
| Violência Moral | 398 | 39,4 | 312 | 60,6 |
| Violência Psicológica | 264 | 26,1 | 746 | 73,9 |
| Violência Patrimonial | 855 | 84,7 | 155 | 15,3 |
| Violência Sexual | 984 | 97,4 | 26 | 2,6 |
| MOTIVO DA AGRESSÃO | NÃO | | SIM | |
| | Nº | % | Nº | % |
| Ciúmes | 347 | 34,4 | 152 | 15,0 |
| Pedido de separação | 330 | 32,7 | 161 | 15,9 |
| Abuso de álcool e outras drogas | 364 | 36,0 | 127 | 12,6 |
| Conflitos familiares | 430 | 42,6 | 61 | 6,0 |
| Traição | 467 | 46,2 | 24 | 2,4 |

Obs. O número total pode diferir devido aos valores perdidos.

Diante do exposto, os dados corroboram com o que afirmam Silva et. al de que “a violência tem, como pano de fundo, uma relação que, mesmo desfeita, ainda deixou questões inacabadas” (2007, p. 97). Tendo em vista que os vínculos afetivos se conservam permeados por mágoas, ressentimentos ou dependência psicológica que dificultam a identificação da vítima sobre uma situação de violência. Provoações constantes estabelecem uma agressão emocional tão intensa quanto a física. O mais prejudicial da violência doméstica não é a violência propriamente dita, mas a angústia e a convivência com o medo e o terror, pois, muitas vezes, quando chega ao ponto da denúncia de agressão física, já estão associadas a violência psicológica e moral (SILVA, 2007).

É válido salientar que, embora a porcentagem de violência sexual (2,6%) tenha sido baixa não significa que ela não aconteça com frequência. Moreira, Boris e Venâncio (2011) ao citar Hirigoyen (2006) explica que para as mulheres, denunciar uma violência sexual é muito difícil, pois vem a questão do preconceito e da vergonha em expor a sua vida íntima.

A violência conjugal é de caráter multifatorial, tendo em vista os vários fatores correlacionados, sendo assim não podemos falar de uma causa única. De acordo com pesquisas realizadas pelo instituto de pesquisa Data Senado em 2016, o marido é o principal agressor e as causas que induzem a agressão é o consumo do álcool, na sequência as brigas/discussões e os ciúmes são os motivos mais recorrentes da agressão (CARVALHO, 2018).

Segundo Zancan et al. (2013) o ciúme gera aumento da tensão entre o casal, manifestando um caráter de dominação e posse. Quando os agressores estão alcoolizados, frequentemente as mulheres não os denunciam por acreditar que os mesmos são outras pessoas naquele momento.

A Tabela 5 apresenta a recorrência da agressão, com um número bastante elevado de 655 (64,9%), onde é possível observar que a agressão não ocorre somente uma vez. De acordo com a quantidade dos tipos de violência observa-se que geralmente ocorrem 2 tipos de violência (37,2%). Quanto às características das agressões, de forma geral, acontecem com mais frequência aos domingos (21,2%), no turno da tarde (39,3%), nas residências (81,7%), geralmente pelo companheiro (55%).

Tabela 5 - Características das agressões familiares registradas em inquéritos policiais na Delegacia de Defesa da Mulher de Aracaju, Sergipe, Brasil, entre 2013 a 2016.

| CARACTERÍSTICAS | Nº | % |
|--|------------|-------------|
| RECORRENCIA | | |
| Não | 167 | 16,5 |
| Sim | 655 | 64,9 |
| Não informado | 188 | 18,6 |
| QUANTIDADES DE TIPOS DE VIOLÊNCIA SOFRIDA | | |
| 1 tipo de violência | 270 | 26,7 |
| 2 tipos de violência | 376 | 37,2 |
| 3 tipos de violência | 308 | 30,5 |
| 4 tipos de violência | 53 | 5,2 |
| 5 tipos de violência | 3 | 0,3 |
| DIA DA SEMANA | | |
| Domingo | 214 | 21,2 |
| Segunda | 158 | 15,6 |
| Terça | 119 | 11,8 |
| Quarta | 140 | 13,9 |
| Quinta | 130 | 12,9 |
| Sexta | 113 | 11,2 |
| Sábado | 136 | 13,5 |
| CARACTERÍSTICAS | Nº | % |

| LOCAL | | |
|----------------------------|------------|-------------|
| Residência | 825 | 81,7 |
| Via pública | 170 | 16,8 |
| Não informado | 15 | 1,5 |
| TURNO | | |
| Madrugada | 82 | 6,6 |
| Manhã | 306 | 24,8 |
| Tarde | 485 | 39,3 |
| Noite | 344 | 27,9 |
| Não informado | 18 | 1,5 |
| VÍNCULO COM O AUTOR | | |
| Companheiro | 556 | 55 |
| Ex-companheiro | 450 | 44,6 |
| Não informado | 4 | 0,4 |

Sobre a recorrência da agressão, em estudo feito por Zancan et al. (2013) foi possível identificar que a permanência das mulheres violentadas ao longo do tempo num relacionamento violento ocorre em virtude da esperança de que o cônjuge mude seu comportamento, do medo das constantes ameaças e do controle manipulado pelo agressor. Além disso, Lima, Ferreira e Vargas (2018) trouxeram a compreensão de um relacionamento cíclico, onde há a alternância entre momentos de afeto e momentos de agressões, reforçando na vítima a ideia de que o seu parceiro pode mudar e se arrepender dos atos cometidos. Segundo Souto e Braga (2009), isso faz com que as mulheres se afastem de pessoas que têm para elas bom significado afetivo, isolando-se socialmente.

Em uma pesquisa de análise de BOs feita em Maceió por Mesquita (2016) para avaliar o perfil dos agressores foram observados que: o local em que mais acontecem a violência é a casa da vítima (70%); sobre a afinidade da vítima com o agressor o maior número observado foi de que os agressores em (83%) são pessoas que têm ou tiveram uma relação afetiva amorosa com a mulher; quanto a faixa etária mais comum dos agressores é de 26 a 40 anos (38%); e com relação ao processo educacional em sua maioria são alfabetizados (24%).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema retratado na pesquisa é um dos fenômenos sociais recorrentes e que mais ganharam visibilidade nas últimas décadas, devido a isso possui muitos estudos e pesquisas relacionados à violência contra a mulher, principalmente com enfoque na mulher que a sofreu. Porém, existem poucos estudos que retratam a percepção do homem autor da violência (TELES, 2018). Por essa escassez de estudos, o presente trabalho poderá ser de grande valia para os futuros pesquisadores, estudantes e pessoas interessadas na temática.

Por meio das análises feitas sobre as características das vítimas e dos agressores da violência doméstica, verificadas por meio dos inquéritos policiais, constatou-se que, a idade em ambas as partes (agressor e vítima) foi de 30 a 40 anos. Outra característica em comum foi sobre estado civil, as mulheres/vítimas e os homens/agressores em sua maioria, são solteiros. Verificou-se que apesar da grande incidência de violência psicológica, a efetiva denúncia geralmente está atrelada a ocorrência da violência física e moral.

Outro dado importante é sobre o grande número de casos, que possibilitou observar que a agressão não ocorre somente uma vez e em sua grande maioria ocorrem 2 tipos de violência. A respeito da escolaridade, são as mulheres que o possuem em um grau mais elevado (Ensino Médio Completo) e quanto a dos agressores foi (Ensino Fundamental Completo), porém esses dados não são tão precisos, pois houve alta taxa em relação à falta de informação, apesar disso é notório que o fenômeno violência não discrimina grau de instrução ou classe social.

Sobre os principais motivos das agressões destacou-se respectivamente: pedidos de separação, ciúmes e abuso de álcool/drogas, confirmando a ideia que a violência conjugal é de caráter multifatorial (CARVALHO, 2018). Em relação às características das agressões, de maneira geral, observou-se que acontecem com mais frequência aos domingos, no horário da tarde, nas residências, normalmente pelo companheiro.

Um dos desafios na produção deste trabalho foi a pouquidade de grupos reflexivos para homens no Estado de Sergipe, sendo encontrados apenas dois e mesmo assim com dificuldades burocráticas em acessá-los. Desta maneira, o trabalho que a priori tinha sido pensado em uma pesquisa de campo tornou-se uma pesquisa

documental feita com base em um banco de dados já existente. O que não invalida a importância deste estudo para a busca de novos conhecimentos a respeito do tema.

Fica claro que ao lidar com a violência doméstica, é necessário intervir tanto com a parte ativa quanto com a parte passiva do problema (ALARCÓN, 2010). Portanto, mesmo tendo em vista que as mulheres são em grande maioria as vítimas da violência, e os homens os “agressores”, estigmatizá-los poderá interferir negativamente para que as instâncias de saúde construam canais de diálogo com estes, pois esta problemática advém de fenômeno maior, que é a cultura na qual tanto os homens como as mulheres sofrem os impactos negativos dos estereótipos de gênero que são ligados ao masculino e ao feminino (DELZIOVO; OLIVEIRA; LUIZ, 2014).

Por fim, há ainda muito a ser estudado sobre essa temática tanto na psicologia como em outras diversas áreas, pois o caminho ainda é longo para uma possível solução. Dessa forma, é necessário investir agora em pesquisas para que as próximas gerações não sofram tanto com a violência, e especificamente com a violência de gênero.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Fernando; SOARES, Bárbara Musumeci. **Serviços de educação e responsabilização para homens autores de violência contra mulheres**: proposta para elaboração de parâmetros técnicos. Rio de Janeiro: Iser, 2012.
- AGUIAR, Luiz Henrique Machado de. **Gênero e masculinidades**: Follow-up de uma intervenção com homens autores de violência conjugal. Universidade de Brasília, Brasília. Dez/2009.
- ALARCÓN, Rosario Alarcón. **Violencia Familiar y Abuso sexual**. Universidad Femenina del Sagrado Corazón, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Políticas de Saúde**. Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
- BRASIL, **Orientações para o atendimento. Defensoria Pública**. São Paulo: Edepe, 2011. Disponível em: <https://www.defensoria.sp.def.br/dpesp/>. Acesso em 30 de maio de 2019.
- BHONA, F. C.; LOURENÇO, L. M.; BRUM, C. R. S. **Violência Doméstica**: um estudo bibliométrico. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, 63, 2011.
- CARVALHO, Grasielle Borges Vieira de. **Grupos reflexivos para os autores da violência doméstica**: responsabilização e restauração. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.
- CUNHA, T. R. A. Violência conjugal: **Os ricos também batem**. Universidade Estadual de Ponta Grossa: Ciências Humanas, 2008.
- DELZIOVO, C. R; OLIVEIRA; C. S; LUIZ, C. L. **Atenção a homens e mulheres em situação de violência por parceiros íntimos**. Florianópolis/SC: Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2014.
- FONSECA, Paula et al. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**. Fundação Bahiana para o desenvolvimento das ciências, Salvador, 2006.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; INSTITUTO DE PESQUISAS DATAFOLHA. **Visível e Invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. 2 ed., 2019. Disponível em <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2019.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2012.
- GIORDANI, T. **Violências contra a mulher**. São Paulo: Yenis, 2006.

GOMES, D. C.; CUNHA, S.; FERREIRA, J. **Indicadores de violência doméstica: dados do registro de ocorrências do Centro Integrado da Mulher - CIM e outras fontes.** Uberlândia, UFU/PROEX, 2016.

JESUS, Damásio E. de. **Violência contra a mulher.** São Paulo: Saraiva, 2010.
LABRONICI, Liliana Maria et al. Retrospecto de ocorrências de violência contra a mulher um registradas em uma delegacia especial. *Cogitare Enfermagem*, 18(1), 43-9, jan./mar., 2013.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo; BARBOSA, Rebeca Rohlfs. **Atendimento a homens autores de violência doméstica: desafios á política pública.** Rio de Janeiro: Iser, 2013.

LIMA, J; FERREIRA, A.; VARGAS, M. **Níveis de estresse em mulheres que sofrem violência por seus parceiros no Estado de Sergipe.** In: MARQUES, V.; NERY, M. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018.

MEDRADO, Benedito et al. **Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas.** Recife: Instituto PAPAI, 2010.

MESQUITA, Andréa Pacheco de. **A violência contra a mulher em Maceió.** Salvador: Edufda, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Prevenção e o tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes.** 3. ed, Brasília, 2012.

MOREIRA, V.; BORIS, G. D. J.; VENÂNCIO, N. **O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos.** *Psicologia e Sociedade*, 23(2), 398-406, 2011.

PAVIANI, Jayme. **Conceitos e formas de violência.** Organizadora: Maura Regina Modena. – Caxias do Sul, Rio Grande do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2016.

PORTO, P. R. D. F. **Anotações preliminares à Lei 11.340/2006 e sua repercussão em face dos Juizados Especiais Criminais,** 2012.

REGINATO, Andreá Depieri de Albuquerque. **Obrigação de punir: racionalidade penal moderna e as estratégias de controle da violência doméstica contra a mulher.** Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

ROSA, A. G. et al. **A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência.** *Saúde e Sociedade*, 2008.

SÁ, S. D. **Características sócio demográficas e de personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação

em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SACRAMENTO, Livia de Tartari e; REZENDE, Manuel Morgado. **Violências:** lembrando alguns conceitos. Aletheia, n.24, Canoas, dez., 2006.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHRAIBER, L. B. **Violência contra a mulher:** estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. São Paulo: Departamento de Medicina da USP, 2002.

SENADO FEDERAL. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil.** Brasília: Observatório da Mulher Contra a Violência, 2016. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>. Acesso em: 30 de maio 2019.

SENADO FEDERAL. **Violência doméstica e familiar contra a mulher.** 2015. Disponível em: www.senado.leg.br/datasenado. Acesso em 30 de maio de 2019.

SILVA, E. R. A. et al. **O fim do silêncio na violência familiar** - teoria e prática. São Paulo: Editora Agora, 2011.

SILVA, L. L.; COELHO, E. B. S; CAPONI, S. N. C. **Violência silenciosa:** violência psicológica como condição da violência física doméstica. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 2007.

SILVA, M. A.; NETO, G. H. F.; FILHO, J. E. C. **Maus tratos na infância de mulheres vítimas de violência.** Psicologia em Estudo, 14(1), 2009.

SOUTO, C. M. R. M.; BRAGA, V. A. B. **Vivências da vida conjugal:** Posicionamento das mulheres. Revista Brasileira de Enfermagem, 62(5), 2009.

SOUSA, Anderson Reis de et al. **Violência conjugal: discursos de mulheres e homens envolvidos em processo criminal.** Universidade Federal da Bahia. Escola Anna Nery, 2018.

TELES, Jamile Santana. **Violência doméstica conjugal em Aracaju, traços de personalidade e habilidades sociais de homens agressores.** Orientação [de] Prof.^a. D.Sc. Marizete Maldonado Vargas, Prof.^a. D.Sc. Claudia Moura de Melo – Aracaju: UNIT, 2018.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é Violência contra a Mulher.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

UN MILLENNIUM PROJECT. **Taking Action:** Achieving Gender Equality and Empowering Women. Task Force on Education and Gender Equality. Earthscan. London, Va, 2005.

VALENTE, J. A. G. **Política e programas de atendimento à criança e ao adolescente vítima de violência doméstica**: o desafio da intervenção com as crianças, adolescentes e seu grupo familiar. Florianópolis-SC: UEDS, 2010.

VARGAS et al. **Caracterização da violência doméstica contra a mulher e atuação das redes de atenção em municípios sergipanos**. Relatório de Pesquisa, FAPITEC, 2019.

VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. **A mulher brasileira no espaço público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VERONESE, J. R. P. **Temas de direito da mulher**. São Paulo: LTr, 2012.

WANG, M-L. Os últimos românticos? um estudo sobre masculinidade e expressão do sentimento amoroso. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2004.

ZANCAN, Natália; et al. **A Violência Doméstica a Partir do Discurso de Mulheres Agredidas**. Revista Pensando Famílias, 17(1), 2013.